

# Harriet Mena Hill, crise e pandemia: o silêncio e a desapareção na imagem

Luciane Ruschel Nascimento Garcez

UDESC

**RESUMO:** Em tempo de crises, cada artista encontrou, ou ainda procura, sua própria forma de lidar com o isolamento, o medo, a insegurança, as perdas. A Peste Negra chegou às costas europeias em 1348. Em 1350, ano em que recuou, havia derrubado quase metade da população da região. Em um afresco do século 14, na França, na antiga Abadia de Saint-André-de-Lavaudieu, vemos como a peste afetou a representação da imagem. A proposta deste estudo é pensar a arte no contemporâneo, a partir da artista britânica Harriet Mena Hill, justamente em relação às produções plásticas decorrentes da crise mundial gerada pela pandemia causada pelo Covid-19, fenômeno que atingiu o mundo em 2020, e vem se desenrolando ainda em 2021. Hill já trabalhava, propondo atividades artísticas, com um grupo de jovens de baixa renda, residentes do Aylesbury State, Londres, que por décadas foi o símbolo do fracasso do projeto social de habitação britânico. Durante a pandemia, mesmo estando tudo parado, em suspensão, o governo procedeu com a demolição de um enorme bloco de apartamentos na propriedade. Segundo Hill, “Tudo o mais havia parado e parecia intensificar a brutalidade do processo de demolição de todas as casas que estavam contidas no bloco (mais de 500 moradias). As ruas ao redor estavam extremamente silenciosas e os únicos sons eram os de se quebrar e se abrir quando o prédio foi destruído”. A série de pinturas de Hill que veremos, pinturas no concreto, série *Aylesbury Fragments*, vem como uma reação a esta crise, onde a artista coleta fragmentos dos prédios demolidos e pinta os próprios edifícios e arredores sobre eles, deixando “retratos”, “instantâneos”, rastros e vestígios desta paisagem vernacular em desaparecimento eternizadas na arte. São imagens silenciosas que mostram um imenso complexo de apartamentos, onde o vazio e o isolamento são a tônica presente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Harriet Mena Hill; crise; arte; silêncio; vestígio.

**ABSTRACT:** In times of crisis, each artist found, or still seeks, his own way of dealing with isolation, fear, insecurity, losses. The Black Death reached the European coasts in 1348. In 1350, the year in which it retreated, it had toppled almost half of the region’s population. In a fresco from the 14th century, in France, in the former Abbey of Saint-André-de-Lavaudieu, we see how the plague affected the representation of the image. The purpose of this study is to think about art in the contemporary, from the British artist Harriet Mena Hill, precisely in relation to the plastic productions resulting from the world crisis generated by the pandemic caused by Covid-19, a phenomenon that hit the world in 2020, and has been still unfolding in 2021. Hill was already working, proposing artistic activities, with a group of low-income youths, residents of Aylesbury State, London, who for decades was the symbol of the failure of the British social housing project. During the pandemic, even though everything was stopped, in suspension, the government proceeded with the demolition of a huge block of apartments on the property. According to Hill, “Everything else had stopped and it seemed to intensify the brutality of the process of demolishing all of the homes that had been contained in the block (more than 500 dwellings). The surrounding streets were extremely quiet, and the only sounds were those of smashing and wrenching as the building was torn apart”. The series of Hill paintings that we will see, concrete paintings, Aylesbury Estate series, comes as a reaction to this crisis, where the artist collects fragments of the demolished buildings and paints the buildings and surroundings on them, leaving “portraits”, “snapshots”. Traces and traces of this vernacular disappearing landscape eternalized in art. They are silent images that show an immense apartment complex, where emptiness and isolation are the keynote.

**KEYWORDS:** Harriet Mena Hill; crisis; art; silence; trace.

Em tempo de crises, especialmente uma crise de sanitária, cada um encontrou, ou ainda procura, sua própria forma viver com os desdobramentos causados pelas medidas determinadas, seja o isolamento social, sejam medidas de controle urbano em geral. Entretanto, o medo, a insegurança, as perdas, excedem os protocolos, e invadem nossas casas, nossas famílias. Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a COVID19 como uma pandemia (SCHMIDT et al., 2020). Nossa geração, ou as imediatamente anteriores, está vivendo algo inédito e que aparentemente seria roteiro de filme de ficção, para não dizer de terror. O mundo inteiro foi afetado, Oriente e Ocidente. A morte é democrática, a pandemia chegou em cada lugar. Estamos ainda (2021) lidando com o problema, não temos distanciamento para entender exatamente o que, como e de que forma a pandemia pelo Corona vírus afetou nossas vidas, e as futuras gerações.

Estamos testemunhando então os congressos, seminários e encontros os acadêmicos, periódicos, praticamente cada evento proposto em 2020 e 21, apresentando como temática a crise decorrente da pandemia pelo Covid 19, contribuindo para o adensamento das imagens, depoimentos e textos refletindo a situação e as maneiras como cada um vem sobrevivendo a ela nestes quase dois anos. O que decorre é um mergulho da arte no assunto, e conseqüentemente da crítica de arte também, mergulhando neste universo pandêmico. Neste estudo, buscamos analisar algumas relações que abordem a arte, e de que modo esta serve como um panorama nestes cenários.

Sabemos que cada período da história se relacionou com a dor, a perda, o medo, as crises, à sua própria maneira. E reconhecemos que podemos encontrar na arte reflexos destas situações, serviu como cenário visual de um mundo em conflito. Um momento crítico da história foi a crise gerada pela Peste Negra, ou peste bubônica. Sabemos que chegou à Europa em 1347, trazida por embarcações que atracaram em um porto do Mediterrâneo, de onde saíram ratos infectados pelas pulgas portadoras pelo patógeno, um dos mais mortais da história. Entre 1350 e 1380, aproximadamente, ocorreram surtos em maior e menor intensidade. Alguns teóricos estimam que metade da população europeia tenha perecido pela peste, sendo que logo de início já foi devastadora (BARRY; GUALDE, 2007).

Agnolo di Tura del Grasso, cronista italiano do século XIV escreveu sobre sua experiência com a doença (este perdeu sua esposa e seus cinco filhos). Grasso escreveu que a pessoa, uma vez contaminada, talvez durasse dois ou três dias, sendo que os sintomas iniciavam com o que parecia uma gripe forte, em seguida o aparecimento das ínguas, especialmente no pescoço, axilas e virilha (BARRY; GUALDE, 2007). O medo e a insegurança tomaram conta das populações, que se viram à mercê de um fantasma letal, que não compreendiam, não possuíam tratamento, nem conhecimento para lutar contra. A morte rondava a todos.

Os avanços tecnológicos da época, como embarcações maiores, mais eficientes, mais rápidas; surgimento de rotas de comércio e mais vias de acesso e circulação; trocas comerciais entre Oriente e Ocidente, tudo isto acabou por estimular os deslocamentos. O fluxo entre os centros comerciais aumentou, especialmente pela Rota da Seda, e com isso a disseminação da peste foi acelerada. Os movimentos peregrinos também ajudaram neste quesito, tornando os locais ditos sagrados focos importantes da epidemia. E a peste não se limitou ao Ocidente. Sabemos que veio do Oriente, onde já estava matando há quase quinze anos (BENEDICTOW, 2011).

A peste atingiu a todas as classes sociais, nobres e plebeus, jovens e idosos. Independente de situação social, econômica, religiosa, todos estavam fragilizados, todos temiam por si e pelos seus. Segundo ainda Grasso, os que sobreviviam, incluindo ele próprio, único a restar de uma família de 7 pessoas, se tornavam zumbis (BARRY; GUALDE, 2007). Desesperados, desesperançados, amedrontados. Entretanto, a peste negra não foi a primeira praga que assolou a Europa. No século VI, houve a praga de Justiniano, uma pandemia ocorrida no reino de Justiniano I, causada pelo mesmo patógeno da peste bubônica, atingindo o mundo mediterrâneo, com maior fúria no Império Bizantino entre os anos de 541 e 544 (BENEDICTOW, 2011).

A Peste Negra do século XIV foi eternizada em crônicas da época, mas também nas manifestações visuais. Como neste afresco da Abadia de Saint-André-de-Lavaudieu (França, século XIV) que mostra a morte personificada pela figura de uma mulher aparentemente sem rosto, que carrega as flechas letais, letais pela Peste Negra, que atinge as pessoas que se encontram ao seu redor. As flechas miram os locais

no corpo das vítimas onde a doença aparecia e era identificada como sendo a peste bubônica. Os bubões começavam geralmente nas axilas, pescoço e virilhas. A mulher vem distribuindo a morte, assim como a Peste Negra.



Figura 01: A Peste Negra (século XIV). Abadia de Saint-André-de-Lavaudieu, França. Fonte: <https://www.akg-images.fr/archive/-2UMEBMBC3LFZ3.html>

As imagens desenvolvidas na época e nos períodos subsequentes evocaram este terror, evidenciando a inevitabilidade da morte, e a insegurança do inesperado. As pessoas tentavam compreender o porquê de tanta tragédia, tantas mortes. Alguns se voltaram para Deus, buscando misericórdia, outros se voltaram contra Ele, atestando estar dirigindo Sua ira a todos indiscriminadamente, a fim de punir os pecadores. Nas igrejas, as orações eram dirigidas pedindo clemência. A morte se tornou pulverizada, e os bode expiatórios não faltaram, piorando ainda o cenário. Em fevereiro de 1349, 2.000 judeus foram queimados vivos, justificando-se serem eles os culpados pelo castigo infligido por Deus. Várias foram as teorias oferecidas para explicar aquilo tudo, a maioria sob o véu religioso, místico, supersticioso. O que fica para nós são os relatos, escritos e em imagens, que nos dão um vislumbre da situação miserável em que as pessoas se viram durante a Peste negra.

A Dança Macabra foi um gênero artístico que se desenvolveu no período (figura 2), uma alegoria do final da Idade Média acerca da universalidade da morte: não importa qual a posição de cada um na vida, a Dança Macabra une a todos (BENEDICTOW, 2004). A imagem evocando esta dança consiste na representação da morte - zumbis, esqueletos - convidando pessoas em todas as esferas da vida para dançar até seus túmulos, um *memento mori*, lembrando as pessoas da fragilidade da vida e como a vida terrena era vã. O primeiro afresco registrado com este esquema visual, agora perdido, foi no cemitério dos Santos Inocentes em Paris, datado de 1425. Neste afresco, o artista evocou a não só a inevitabilidade da morte, mas também o quanto esta nos iguala. O afresco retrata os esqueletos conduzindo, de mãos dadas, as pessoas aos seus túmulos, e vemos um sujeito que nos parece um nobre, ou ao menos alguém de posição privilegiada na sociedade, um homem de cartola e vestido na última moda, que parece olhar o espectador - talvez nos convidando a participar da dança da morte - enquanto dança com movimentos ensaiados. No centro vemos um homem mais humilde, talvez representando um dos muitos sobreviventes das guerras, perdeu parte de sua perna direita e agora anda de muletas, apresenta uma expressão abatida, cansado. A figura na extrema esquerda do afresco é uma representação de um bebê saindo de seu berço, apesar de o artista o figurar mais uma criança, e não um bebê propriamente, mas o berço e o pano que parece uma fralda ao redor da cintura do menino, indicam sugerir um bebê. Ou seja, a morte busca suas vítimas, independente da situação econômica, social ou mesmo da idade de

cada um. Vemos que as imagens refletiram o que as pessoas estavam vivendo, o terror, a insegurança, a presença constante do medo da morte.



Figura 02: Detalhe do afresco *Dança Macabra* (1490) na Igreja da Santíssima Trindade em Hrastovlje, Eslovênia. Fonte: [https://en.wikipedia.org/wiki/Danse\\_Macabre#/media/File:Hrastovlje\\_Dans3.jpg](https://en.wikipedia.org/wiki/Danse_Macabre#/media/File:Hrastovlje_Dans3.jpg)

Mas como os artistas se resolveram plasticamente, visualmente, em tempos de pandemia pelo Corona Vírus? Iremos olhar uma série de pinturas sobre fragmentos da artista britânica contemporânea Harriet Mena Hill (1966). A série que veremos parte de uma reflexão sobre a paisagem vernacular londrina e o habitar no coletivo. Hill vem há um tempo trabalhando como voluntária em um conjunto habitacional do sul de Londres, Aylesbury State, onde ela coordena uma escola de artes para crianças e adolescentes de baixa renda, moradores do condomínio.

O condomínio residencial Aylesbury State foi projetado pelo arquiteto Peter Fenton em 1963, mesmo ano em que começou sua construção. Fazia parte de um programa maior de renovação da cidade nas áreas mais pobres, provendo habitação para as pessoas menos favorecidas. Documentos atestam que 2.700 moradias forneceram casas para aproximadamente 10.000 residentes em um projeto considerado por muitos como utópico, baseado nos princípios modernistas de planejamento urbano, de padronização arquitetônica, melhoria nas áreas de circulação livre de pedestres, e grandes áreas ao ar livre, para lazer dos condôminos. O conjunto habitacional tinha creche, centro de saúde e mercado, onde se encontra hoje a Escola de Artes Turps, onde Hill trabalha como voluntária.

Nos anos 80, o Conjunto Habitacional Aylesbury estava em estado de ruínas. Os moradores originais começaram a se mudar para outros locais, por falta de condições em continuar habitando o local, que passou a ser conhecido como um espaço em vias de naufragar, de afundar. Em 2005, o departamento habitacional desta área de Londres iniciou o desenvolvimento de um programa de regeneração da área, o que ainda está em processo. Hill vem trabalhando com residentes há cerca de 4 anos, desenvolvendo projetos que promovam a memória do lugar a partir de imagens e testemunhos dos residentes.

Em conjunto com o Clube de Jovens 2 Inspire, a artista promoveu workshops com os jovens, desenvolvendo esculturas, murais e instalações. O projeto começou em resposta ao retrato muito negativo da mídia de Aylesbury Estate na imprensa britânica. A artista trabalha na propriedade com jovens residentes, oferecendo uma variedade de atividades artísticas gratuitas, incluindo oficinas participativas / colaborativas de escultura, promovendo o fazer e criar no coletivo. Em parceria com o projeto “Lar é onde mora o coração”, de Notting Hill, Harriet Mena Hill vem acolhendo pessoas mais velhas, jovens e adultos, onde a parceria com as crianças segue desenvolvendo os projetos artísticos. Os mais velhos alimentam os saberes dos mais jovens, contando histórias e anedotas do lugar, fornecendo

uma narrativa que promova um vislumbre de como era a vida ali no início da proposta do projeto residencial, nos anos 60 e 70, em face dos ideais urbanos modernistas postos em prática.

Ao engajar neste projeto cultural, antes do evento da pandemia, com os jovens que estavam enfrentando uma crise habitacional junto de suas famílias, Hill iniciou uma série que chamou de “Soft Concrete” (“Concreto Macio”). A artista diz que precisava trabalhar poeticamente a sensação pública do lugar, um lugar sem esperança e de abandono.<sup>1</sup> O trabalho consiste em montagens com feltros onde a artista vai recriando sua percepção do conjunto habitacional, imagens dos prédios, arredores, latas de lixo, o mato que cresceu ao invés dos jardins. O trabalho é feito com um material de descarte, pois que o feltro é isso, fibras agrupadas, para falar de um espaço descartado pela sociedade. Na figura 3 temos um exemplo desta série, onde a artista nos oferece um vislumbre de um dos prédios pertencentes ao conjunto habitacional, feito com pintura, costura e bordado sobre o feltro.



Figura 03: Harriet Mena Hill. *Soft Concrete*, 2020. Fonte: [https://www.instagram.com/harrietmena\\_hill/](https://www.instagram.com/harrietmena_hill/)

Hill enfatiza o abandono do lugar pelo recurso de mostrar só a construção arquitetônica, que se encontra “abandonada” pelos humanos, tanto física quanto conceitualmente, apesar de vermos seus rastros das pessoas que habitam este espaço: roupas nas janelas, cortinas, janelas entreabertas. A artista nos passa a sensação de abandono do local, que pode ser uma leitura mais profunda no abandono de cada família, cada indivíduo.

O que reverbera questões muito prementes hoje, em tempos pandêmicos, especialmente no primeiro ano de isolamento social, 2020, a falta de pessoas nas ruas, o sintoma de cada família, ou indivíduo, sozinho em sua própria habitação. O isolamento aqui aparece como uma fachada de um prédio com muitos apartamentos, uma imagem vazia de moradores.

Quando em 2020 tem início a quarentena que antecede a pandemia causada pelo Covid 19, os trabalhos com os jovens param por um tempo, assim como o mundo inteiro acabou parando. Harriet Mena Hill segue trabalhando no ateliê, dentro da escola que montou no conjunto habitacional. Aí chegamos na série Fragmentos de Aylesbury, aproximadamente 30 fragmentos de concreto coletados e pintados pela artista (figura 4).

1 Em entrevista por e-mail com a autora, em março de 2021.



Figura 04: Harriet Mena Hill - *Aylesbury Fragments* (2020-2021). Acrílico sobre concreto recuperado. Fonte: <https://www.instagram.com/p/COk-4kQli2e/>

Segundo a artista, as pinturas de concreto surgiram da sua reação à demolição de um enorme bloco de apartamentos na propriedade durante a pandemia. Tudo o mais havia parado, as pessoas não saíam de suas casas, o silêncio imperava na região, já desolada pelo descaso de anos e de abandono, tanto pelo governo quanto pelos moradores que evadiram o lugar, as ruas estavam ainda mais silenciosas e vazias. Mas ainda assim foi dado seguimento à demolição de um dos enormes prédios deste conjunto habitacional. Mais de 500 moradias foram abaixo por máquinas e equipamentos de engenharia civil feitos para demolir grandes construções. Diz Hill que o silêncio e isolamento reinantes pareciam intensificar a brutalidade do processo de demolição de todas as casas que estavam contidas no bloco, as mais de 500 moradias<sup>2</sup>.

A artista conta que as ruas ao redor estavam extremamente silenciosas, e os únicos sons eram os das máquinas que quebravam e partiam os enormes blocos de concreto enquanto o prédio era destruído. Neste projeto, “The Aylesbury Fragments” (Os Fragmentos de Aylesbury), Hill ressignifica os fragmentos das construções demolidas, pedaços de concreto recolhidos antes de os entulhos terem novo destino, testemunhos visuais do projeto original lá década de 60, agora demolido. A artista trabalha estas pedras como que burilando uma gema para deixar ver a preciosidade, a melhor imagem do conjunto, suas pinturas.

O contraste entre o orgânico dos fragmentos de concreto, e as linhas geométricas da antiga estrutura dos prédios formam uma espécie de poesia visual. Até agora pintou cerca de 30 fragmentos. Ainda tem alguns fragmentos coletados, mas será uma quantidade finita, pois todo o restante do concreto daquele local foi britado.

De acordo com Hill, ela sentiu uma forte necessidade de expressar a perda, o isolamento e a melancolia da cidade e o rápido declínio das condições sociais na propriedade durante o isolamento da pandemia<sup>3</sup>. Pintando a paisagem vernacular abandonada, com tinta óleo, os fragmentos de concreto recuperados dos blocos recém demolidos do conjunto habitacional da década de 1960 no sul de Londres, a artista reorganiza os fragmentos aleatórios para formar um registro visual dos edifícios originais. Contudo podemos buscar uma reflexão mais ampla, onde estes fragmentos de Aylesbury poderiam estar se referindo a quaisquer condomínios residenciais ao redor do globo, onde as janelas entreabertas não mostram pessoas se comunicando, mostram o vazio, a desolação provocada pelo isolamento, tanto social quanto entre famílias. As roupas penduradas nas sacadas são comprovações imagéticas de que esses espaços são sim habitados, mas cada um lidando no seu espaço interno.

O Fragmentos de Aylesbury são trabalhos que funcionam como uma pedra burilada, como se abrissem uma pedra para expor uma joia em seu interior, as imagens revelam uma beleza formal nas linhas geométricas, nas grades, e falam com pungência das vidas individuais em que fomos todos obrigados a nos adaptarmos. O isolamento e o abandono são as sensações mandatárias neste trabalho de Harriet

2 Em entrevista à autora por e-mail em março de 2021.

3 Idem.

Mena Hill, e completam as percepções de grande parte das pessoas nos mais diversos locais e culturas, posto que a pandemia foi democrática, atingiu a todos, assim como a Peste Negra: não importando a classe social, idade, religião ou hierarquia, a morte se fez presente sem aviso prévio. O trabalho de Hill nos iguala a todos no silêncio e no isolamento. As paisagens vazias falam das vidas ali vividas, mostram o rastro, o vestígio. O vestígio do conjunto habitacional – e do projeto de reordenação urbana – pelos fragmentos, o vestígio humano pelas cenas desabitadas, o vestígio da matéria pelo concreto coletado e ressignificado em arte. Não vemos pessoas, só os seus rastros. São imagens plenas de nostalgia, melancolia, algo entre tempos. Nem aqui, nem lá. Vemos cortinas entreabertas, roupas recém lavadas nas sacadas, o lixo colocado na rua (figura 5). A porta entreaberta, alguém acabou de entrar ou de sair? Vemos os rastros da vida vivida, mas não os que ali vivem ou viveram. A presença humana vem pela sombra.



Figura 05: Harriet Mena Hill. *Aylesbury Fragments* (2020). Fonte: [https://www.instagram.com/harrietmena\\_hill/](https://www.instagram.com/harrietmena_hill/)

Hill reconhece uma tendência humana fundamental. Ao estabelecer potenciais espaços e redes de pensamento em nossas mentes, nos permitimos antecipar lugares que iremos visitar e imaginar territórios onde é menos fácil para o corpo efetivamente se deslocar, mas sonhamos. Harriet cria paisagens interiores, isoladas, vazias, que geram diferentes significados a cada espectador. Pessoas mapeiam inconscientemente aspectos de suas vidas e este conhecimento espacial dá forma a ideias abstratas e permite que essas ideias sejam comunicadas em termos relativos. As pinturas de Hill parecem seguir esse tipo de raciocínio. Ao retratar ambientes genericamente familiares, mas inomináveis, vestígios do corriqueiro, eles convidam a imaginação do espectador a viajar para territórios além da experiência direta.

Os fragmentos de Aylesbury fazem parte da prática de Hill de usar objetos encontrados como

o ponto de partida para pinturas de paisagens arquitetônicas não povoadas, para falar das paisagens internas da mente. Reflexões sobre a desapareição e o vestígio na imagem, que refletem momentos de crise vividas por estas famílias. Sejam as crises habitacionais, sejam as crises pandêmicas. Imbuídos de nostalgia, detalhes de janelas iluminadas à noite, roupas esvoaçantes em varandas ou um, carro estacionado são evidências da presença humana, que a artista apenas sugere, nos deixando espaço para a imaginação.

Terminamos esta reflexão com um poema de T. S Eliot, (Nº 2 de 'Quatro Quartetos'), poeta falecido em 1965, logo após o início do projeto reurbanização. Este poema é citado por Harriet Mena Hill em relação à sua experiência pandêmica artística.

#### EAST COKER (PARTE II DOS QUATRO QUARTETOS)

I

Em meu princípio está meu fim. Umas após outras  
As casas se levantam e tombam, desmoronam, são ampliadas,  
Removidas, destruídas, restauradas, ou em seu lugar  
Irrrompe um campo aberto, uma usina ou um atalho.  
Velhas pedras para novas construções, velhos lenhos para  
novas chamas,  
Velhas chamas em cinzas convertidas, e cinzas sobre a terra  
semeadas,  
Terra agora feita carne, pele e fezes,  
Ossos de homens e bestas, trigais e folhas.  
As casas vivem e morrem: há um tempo para construir  
E um tempo para viver e conceber  
E um tempo para o vento estilhaçar as trêmulas vidraças  
E sacudir o lambril onde vagueia o rato silvestre  
E sacudir as tapeçarias em farrapos tecidas com a silente  
legenda.  
Em meu princípio está meu fim. Agora a luz declina  
Sobre o campo aberto, abandonado, a recôndita vereda  
Cerrada pelos ramos, sombra na tarde,  
Ali, onde te encolhes junto ao barranco enquanto passa um  
caminhão,  
E a recôndita vereda insiste  
Rumo à aldeia, ao aquecimento elétrico  
Hipnotizada. Na tépida neblina, a luz abafada  
É absorvida, irrefratada, pela rocha grisalha.  
As dálías dormem no silêncio vazio.  
Aguarda a coruja prematura.



## Referências

BARRY, Stéphane; GUALDE, Nobert. La Peste noire dans l'Occident chrétien et musulman 1346/1347 – 1352/1353. In: CASTEX, Dominique; CARTRON, Isabelle. *Épidémies et crises de mortalité du passé*. Pessac: Ausonius Éditions; Collection: Études | 15, 2007. p. 193-227

BENEDICTOW, J. *La Peste Negra, 1346-1353. La historia completa*. Madrid: Akal, 2011, 592 p.

ELIOT, T. S. *Quatro Quartetos*. SP: Civilização Brasileira, 1967.

SCHMIDT, B., CREPALDI, M. A., BOLZE, S. D. A., NEIVA-SILVA, L., & DEMENECH, L. M. *Impactos na Saúde Mental e Intervenções Psicológicas Diante da Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19)*. SciELO Preprints, 1(1), 1-26, 2020. doi: <https://doi.org/10.1590/SCIELOPREPRINTS.58>